

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

HAMILTON JOSÉ MARTINS NETO

**A CONSTRUÇÃO DO HERÓI REPUBLICANO: TIRADENTES NO
IMAGINÁRIO SOCIAL E POLÍTICO**

CAMPO GRANDE, MS

2023

HAMILTON JOSÉ MARTINS NETO

**A CONSTRUÇÃO DO HERÓI REPUBLICANO: TIRADENTES NO
IMAGINÁRIO SOCIAL E POLÍTICO**

Artigo científico apresentado a Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Samuel de Jesus.

CAMPO GRANDE, MS

2023

Inserir os Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – Ficha Catalográfica

HAMILTON JOSÉ MARTINS NETO

**A CONSTRUÇÃO DO HERÓI REPUBLICANO: TIRADENTES NO
IMAGINÁRIO SOCIAL E POLÍTICO**

Artigo científico apresentado a Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

Campo Grande, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Samuel de Jesus

(orientador)

Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul

Prof. Dr. Ary Albuquerque Cavalcanti Junior

(examinador)

Universidade Federal de Mato Grosso

,

Prof. Me. Dário Vaneli Junior

(examinador)

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
1. A CONSTRUÇÃO DE TIRADENTES	5
2. TIRADENTES NO IMAGINÁRIO SOCIAL.....	5
3. TIRADENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS.....	8
4. A CONFIGURAÇÃO DO MITO SOBRE TIRADENTES	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15

A CONSTRUÇÃO DO HERÓI REPUBLICANO: TIRADENTES NO IMAGINÁRIO SOCIAL E POLÍTICO

RESUMO

O presente trabalho descreve uma pesquisa acerca de Tiradentes conduzido por artigos e livros didáticos, focando essencialmente em sua configuração para o início do regime republicano. Fundamentando-se da ótica que esse personagem não apresenta os traços o colocaram em sua posição póstuma, isso levando em consideração décadas depois em um sistema que ele jamais conheceu. Deu-se especial destaque nas intenções cuja finalidade o deram nova roupagem, como ele começou a ser visto pela sociedade. O artigo identicamente dialoga com o seu período, ou seja, enquanto Tiradentes participou ativamente para que se tornasse personagem histórico, isso objetivando compreender o porquê de sua utilidade. Constatou-se, por meio do estudo desenvolvido nesse trabalho, que o regime usou Tiradentes para ascensão política e para serem notados pela sociedade, uma vez que aceitação faz parte manter-se no poder.

Palavras-chave: Tiradentes. Mito. Herói. República.

ABSTRACT

The present work describes research on Tiradentes conducted by articles and textbooks, focusing essentially on its configuration for the beginning of the republican regime. Based on the view that this character does not present the traits, they placed him in his posthumous position, taking into account decades later in a system he never knew. Special emphasis was placed on the intentions whose purpose gave him a new look, as he began to be seen by society. The article identically dialogues with its period, that is, while Tiradentes actively participated in becoming a historical character, aiming to understand the reason for its usefulness. It was found, through the study developed in this work, that the regime used Tiradentes to rise politically and to be noticed by society, since acceptance is part of remaining in power.

Key words: Tiradentes. Myth. Hero. Republic.

1. A Construção de Tiradentes

Observando o cenário do personagem histórico Tiradentes, e todo o seu contexto que o colocaram na posição de herói, houve a necessidade de desenvolver um trabalho de conclusão de curso sobre essa persona histórica. Ou seja, é preciso analisar a perspectiva do que é encontrado e apresentado sobre o personagem nas instituições escolares – mais especificamente, nos livros didáticos – e todo o processo histórico envolto, embasado em renomados textos científicos. Logo, o objetivo primordial deste escrito é examinar a heroicidade construída em Tiradentes para o nascimento e aceitação da República no Brasil.

Além disso, é indispensável observar os motivos que põe Tiradentes na categoria de mito, e, para tanto, discutir o poder dominante que criou um herói com uma determinada finalidade e dentro de um contexto muito bem estabelecido. Criar heróis apresenta-se como uma maneira eficaz de atingir determinados objetivos; neste caso, fez-se necessário que o novo regime não fosse somente aprovado, mas também, fosse amado pela população. Símbolos, de maneira igual, foram criados, apesar da análise simbólica não ser o foco deste trabalho, e sim a construção de um mito como Tiradentes.

Dessa forma, houve a construção de uma narrativa republicana, em outras palavras, o mito de Tiradentes não foi criado na república, entretanto, sua imagem foi apossada pelos seus agentes. Tendo, também, com base no entendimento de que nunca a construção de elementos históricos esteve tão forte no Brasil quanto na transição da Monarquia para a República. O alferes Joaquim José da Silva Xavier tem sua relevância histórica não somente por participar de um movimento de revolta contra a Coroa no século XVIII, mas, não menos importante, por ser reapropriado por um regime republicano que viria nascer depois de sua morte. O estudo que se encontra nesse alferes “herói” é de importância para historiografia brasileira. Vale pontuar que pouco se sabe sobre a memória de Tiradentes e, segundo pesquisa, sua história foi esquecida até o fim do sistema monárquico e só foi “lembrada” na fase embrionária do sistema político republicano.

2. Tiradentes no imaginário social.

É importante estabelecer, de maneira concisa, quais as abordagens principais que Bronislaw Baczko (1985) produz em seu texto, isso para roteirizar sua linha de raciocínio, para em seguida correlacionar com o tema, conforme o próximo capítulo. Quanto ao

imaginário social, é preciso dizer que o intelectual trabalha com a perspectiva de associação histórica, sobretudo, entre os pontos associados à imaginação. A imaginação é utilizada como forma de ascensão, em outras palavras, as formas de discurso podem ser apropriadas pelos agentes políticos que evocam fatos, personagens e imagens relevantes do passado. Evocam épocas que podem se mostrar importantes no tempo, momentos significativos da sociedade.

No que se refere ao imaginário, é um artifício usado para enriquecimento, alcance de prestígio. O passado muitas vezes é usado para se ascender no poder e os acontecimentos podem ser manipulados. Cumpre observar, indo para área de associações, que a imaginação e o social são temas comuns e fáceis de emaranhar-se. O projeto de cunho republicano só atribuiu a Tiradentes os valores necessários após a proclamação da nascente república. Os motivos, fundamentados em tal associação, foram direcionados para o imaginário social, e, portanto, “estas associações e os problemas que elas traduzem tem feito uma carreira rápida e brilhante” (Baczko, 1985, p. 296).

O enaltecimento da imaginação é usado até hoje no cotidiano, partidos fazem isso para promovê-los, vangloriando o seu próprio passado. Segundo Baczko (1985, p. 296), “A imaginação própria é exaltada, enquanto é denunciada a sua ausência ou a sua mediocridade nos adversários”. Isso significa que o erro é visto com pesar pelos de fora do processo. O imaginário sobre Tiradentes foi utilizado para fins políticos, mesmo que seu contexto histórico não fosse condizente com o que estava sendo pregado. Portanto, o poder é mantido, em medidas consideráveis, também pela associação com o imaginário, não deixando de utilizar de artifícios com o intuito de atrair às massas. No caso do alferes, as massas presentes na sociedade se juntaram em prol de um ideal, como se ele fosse um espelho em que todo indivíduo pudesse ser visto e guiado.

Por certo, pesquisas foram realizadas e podem ser analisadas para o sentido que buscamos empregar:

Os antropólogos e os sociólogos, os historiadores e os psicólogos começaram a reconhecer, senão a descobrir, as funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida coletiva e, em especial, no exercício do poder. As ciências humanas punham em destaque o facto de qualquer poder, designadamente o poder político, se rodear de representações coletivas. Para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico. (Baczko, 1985, p. 297)

Do ponto de vista da história, consegue-se sinalizar que é habitual existir um distanciamento do que houve no que diz respeito ao que está sendo “pregado”, o ponto é: “A história verdadeira e real dos homens está para além das representações que estes têm

de si próprios e para além das suas crenças, mitos e ilusões” (Baczko, 1985, p. 297), o mito engendrado pelo sistema republicano foi uma representação bem como suas características. O ato de descobrir o que está por trás dos discursos, ações humanas, motivações e todo o contexto que merece estudos faz parte da ciência, o serviço da História foi de descobrir os motivos pelos quais os agentes da república decretaram o herói, em quais pesos e medidas, quais as finalidades e diversos porquês presentes nesta situação.

De acordo com a historiografia, percebe-se, a partir do que Baczko apresenta, que o imaginário pode ser entendido como um real deformado. Tiradentes foi um personagem que teve seu momento, apesar disso, sua figura foi reconfigurada para uma época na qual ideologias e mitos eram produzidos para fins políticos. Com Tiradentes não foi diferente, o estudioso republicano pode vê-lo diferentemente do monarquista. A tradição é acompanhada do objeto de pesquisa, e com efeito, tem-se que “a atenção que hoje é dedicada a certos problemas e fenômenos induz a busca do passado, das observações, das intuições e das interrogações suscitadas anteriormente” (Baczko, 1985, p. 299). O objetivo é retomar o caráter investigativo, isto é, pormenorizar a figura de Tiradentes em finais do século dezenove no Brasil.

Como afirma Baczko (1985), Maquiavel formulava, a partir de inspirações das tradições antigas, a ligação muito próxima entre o poder e a esfera do imaginário. A República necessitou de promulgar valores que a ressaltassem, posto que o poder é reforçado justamente na mentalidade popular. No caso brasileiro, isto foi pensado como um mito a ser utilizado na consolidação de uma nova ordem: a republicana. Era necessária a criação de um imaginário formado por valores inquestionáveis. Assim, a imaginação é um lugar no qual as paixões são desenvolvidas. É através dela que a sociedade é influenciada ou vislumbrada para algo melhor que a realidade em si. Pressupõe-se, no caso de Tiradentes, que o cidadão, ao ver um rosto similar ao de Cristo, poderia se sentir representado, sobretudo, no contexto em que o cristianismo era socialmente forte. Destarte, o imaginário é, intrinsecamente, político e com o intuito de conquistar os corações coletivos a fim de consolidar o poder sobre os demais. O alferes foi um mecanismo, de acordo com o pensamento de Baczko (1985), para a implantação de valores do novo regime na mentalidade das pessoas a fim de se validar. Após compreendido o papel *sine qua non* de Tiradentes na construção de ideais republicanos, é fundamental delimitar de que maneira isso é transposto para os livros didáticos. Aliás, os materiais pedagógicos possuem uma importante etapa na educação básica brasileira.

Assim, o próximo capítulo tenta entender, e indubitavelmente problematizar, as abordagens dos materiais sobre Tiradentes.

3. Tiradentes nos livros didáticos

No que se refere as fontes coletadas, são usados três livros didáticos do 8º ano do Ensino Fundamental (anos finais), no qual dois são de autoria de Alfredo Boulos Júnior via Editora FTD, a primeira edição de 2009 e a segunda de 2012. O terceiro livro é de Ana Cláudia Fernandes publicado pela Editora Moderna em 2018. Foi necessário, também, o uso do livro “Formação das Almas (1990) de José Murilo de Carvalho, o capítulo, intitulado: “Tiradentes: Um Herói para a República”, e os artigos “A Construção do mito de Tiradentes: de mártir republicano a herói cívico na atualidade”, de Carlos Roberto Balarotti e, “O Discurso Intelectual e a Criação do Herói: Tiradentes” de Joaquim Norberto de Souza Silva e Lúcio José dos Santos, de Luciana Coelho Gama, e, por final, o texto “A Imaginação Social”, de Bronislaw Baczko. Pode-se afirmar que todo tipo de conhecimento é transmitido na escola, seja ele por via factual seja pela exposição de saberes vivenciados. A História de Tiradentes foi e continua sendo ensinada em instituições escolares, porém, muitas vezes, associado a uma abordagem conteudista, como parte método tradicionalista do saber.

Essencial esclarecer, de antemão, qual foi o movimento que levou Tiradentes a ser condenado ao enforcamento e, décadas depois, ser considerado um herói para a República Brasileira. Trata-se, pois, de um movimento emancipacionista, a Inconfidência Mineira. Basicamente, o a razão primordial do movimento foi uma insatisfação por conta dos impostos sobre o ouro. As jazidas de ouro de Minas Gerais começaram a definharem em 1760, e em contrapartida, a monarquia portuguesa intensificou a cobrança de impostos. Em um cenário de desgaste político e esgarçamento social, Portugal envia um novo governador em 1788 e anuncia a derrama – a cobrança pesada dos impostos atrasados. Foi por meio disso que um clima de revolta se instaurou na região. A justificativa para a derrama era, segundo a monarquia, que o ouro estava sendo desviado em operações clandestinas. Desse jeito, a elite mineira começou a se reunir em Vila Rica para configurar uma rebelião contra o poder português. O medo de perder tudo no dia que a derrama fosse aplicada, levou-os a esta mobilização. De fato, a rebelião nunca chegou a ocorrer. Delatados antes, muitos foram julgados, inclusive penalizados ao degredo, mas somente Tiradentes foi enforcado.

Aponta-se que alguns livros didáticos de História incorporam os métodos científicos, as fontes revisadas e problematizações. Em um livro específico, a pergunta principal é: “por que será que Tiradentes é, hoje, considerado um herói brasileiro?” (Fernandes, 2018, p. 109). Essa indagação, de extrema relevância, revela que Tiradentes foi alguém que esteve em uma inconfidência com insatisfações populares. Entretanto, a posição de herói, como já supracitado, vem ligado à sua imagem manipulada. Em seguida, a pergunta é respondida pela autora com o mito da heroicidade. Logo, a autora discorre sobre o momento ímpar no Brasil e a construção posterior da figura mítica.

Já outros livros didáticos auxiliam na elaboração de outros questionamentos. Alfredo Boulos Júnior escreve, em 2012, um livro didático sobre Tiradentes. O autor disserta acerca do seu momento histórico emancipatório, mas detalhando as raízes do suposto mito. Por isso, exhibe uma imagem de Tiradentes fardado como alferes e faz indagação sobre a sua origem. Questiona se sua vida foi de uma pessoa pobre, em suas palavras:

Durante muito tempo os livros de história afirmaram que Tiradentes era um pobretão; e, por isso, somente ele pagou com a vida a “traição” à rainha de Portugal. Recentemente, no entanto, pesquisando, os historiadores descobriram que Tiradentes era um homem rico”. (Boulos, 2012, p. 169)

A perspectiva a narrativa de Boulos é importante, uma vez que desmitifica a ideia de que Tiradentes foi o único levado à forca por sua condição financeira. Considera-se, que a Insurreição Mineira só veio a ocorrer por causa dos altos impostos sobre o ouro. Como mencionado, a problematização faz parte da história, ajuda no enriquecimento de conhecimento e informação.

Já averiguando o livro didático que foi escrito por Boulos, anteriormente a este, precisamente no ano de 2009, o seu conteúdo se assemelha ao que usualmente ele trabalha, trazendo a mesma imagem, com descrições e explicações sobre a condição financeira de Tiradentes. Ainda, ele reafirma que Tiradentes foi condenado a morte porque pegou para si próprio uma grande parte da culpa, ou seja, alegando ter sido ele quem orientou e fez nascer o movimento emancipacionista contra a opressão da Coroa Portuguesa

Fernandes (2018), igualmente, apresenta o personagem a partir de dois trechos de obras consagradas sobre o tema, logo após faz uma pergunta de cada trecho para que os estudantes aprendam o conteúdo. Expõe uma imagem pintada em finais do século XIX no qual Tiradentes lembra Cristo, tendo em vista que a semelhança com o divino vai ao

encontro do que se buscava para um certo refinamento na crença do novo regime. Ressalta-se que Cristo sofreu com a mesma forma de injustiça que Tiradentes.

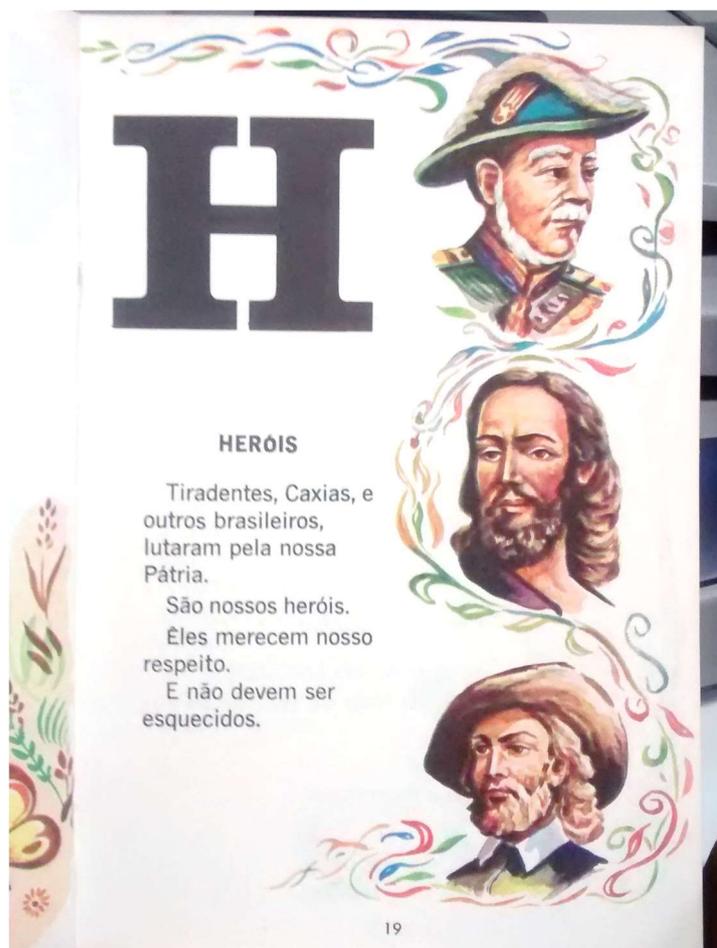
Imagem 1- Martírio de Tiradentes (1893), óleo de Aurélio Figueiredo



Fonte: Fernandes, 2018

Pode-se perceber todo o caráter cristão na imagem, como se Tiradentes pagasse por uma sentença que não cabia aos seus atos. Outro fator importante que pode ser notado: a imagem nos ofereceria um sentimento de coesão social, ou “união em torno de um ideal, fosse ele a liberdade, a independência ou a república” (Carvalho, 1990, p. 68). Outra imagem retirada de um livro de “Moral e Civismo” dos tempos da Ditadura Militar, ou seja, do início dos anos 70, mostra que os livros didáticos ainda hoje alimentam a mesma versão mitológica e heroica de Tiradentes.

Imagem 2 – Página do livro Moral e Civismo III



Fonte: Foto do Autor

Esta imagem, diferentemente, coloca Tiradentes ao lado de outras figuras consideradas heroicas. Logo acima, encontra-se uma imagem de Caxias, patrono do Exército Brasileiro e “herói” da Guerra do Paraguai” e, logo abaixo, Tiradentes, parecido a Cristo ocupando o centro da imagem. O texto não identifica a terceira pessoa retratada na imagem. Seria um Bandeirante? A inscrição presente no texto é inequívoca: “HERÓIS, Tiradentes, Caxias, e outros brasileiros, lutaram pela nossa pátria. São nossos heróis. Eles merecem nosso respeito. E não devem ser esquecidos”. Percebe-se que um livro de Educação Moral e Cívica do início dos anos 70 e outro livro publicado em 2018 (da

coleção Araribá Plus História 8 Bncc, 2018) da autora Ana Claudia Fernandes possuem conexões. O livro didático de 2018 de Ana Claudia consagra a representação de Tiradentes como a de um Cristo ao publicar a imagem de Aurélio Figueiredo, muito embora ela contextualize, analisando criticamente a construção do mito heroico de Tiradentes ao utilizar citações de José Murilo de Carvalho na obra *Formação das Almas* sobre a construção do imaginário nos primeiros anos do regime republicano. Porém, reproduz a mesma imagem que era feita nos livros de Educação Moral e Cívica dos tempos da Ditadura, ou seja, a imagem de Tiradentes como um cristo de barbas e cabelos longos e vestindo uma túnica branca, sinal de pureza frente sobre o cadafalso.

4. A Configuração do mito sobre Tiradentes

Pode-se dizer que Tiradentes não foi feito pela república, contudo, seu legado foi tomado por aqueles que escreveram a História – pessoas que fizeram a narrativa segundo seus interesses. Tiradentes, e indo para uma perspectiva que se assemelha ao pensamento de mitificação, é reforçado como um mito, sendo que "não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico" (Carvalho, 1990, p. 55). A República configurou um rosto ao seu herói, pois a figura não deixará nenhum retrato que pudesse ser tomado pela campanha.

O que queremos considerar é a mitificação. Tiradentes, enquanto figura política, por exemplo, segundo José Murilo de Carvalho, se tornou símbolo e herói. Para Carvalho (1990, p.55): "Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva". De acordo com Carvalho, Tiradentes não era o único candidato ao posto que tomou. Um exemplo foi Deodoro, o candidato mais óbvio, visto que foi o primeiro Presidente do Brasil e uma das figuras centrais da proclamação. Foi o chefe militar que derrubou a monarquia, mas isso não foi suficiente, pois "sua figura física, lembrava a do outro ilustre velho, o imperador" D. Pedro II (Carvalho, 1990, p. 56). Concomitantemente a isso, a passeata de 15 de novembro, na qual poucos compareceram, não gerou personagens que a partir dali seriam mitos, tendo em vista que um número ínfimo era convicto do regime que estava sendo pregado, a República, e baixa foi a participação da sociedade fora os "seletos".

Em todo caso, Tiradentes ainda era lembrado por algumas províncias como Minas Gerais e Rio de Janeiro e por alguns republicanos. Na província de Minas Gerais ergueram uma escultura. Clubes republicanos buscavam trazer de volta sua história.

Muito se tem discutido, a partir de estudos como de Carlos Roberto Ballarotti (2009), acerca de como os heróis são apresentados, em outras palavras, todo o paradigma que se encontra presente atrás do seu "processo histórico". É primordial saber "que a história é escrita pelos vencedores, enquanto os perdedores são sepultados em algum lugar obscuro do passado" (Ballarotti, 2009, p. 02). A História, por vezes, pode ser tomada para manipulação objetivando um fim desejado e Tiradentes não foi diferente, se tornou mito para entrar na memória popular. No Brasil, desde o seu alvorecer, tentou-se criar questões dominantes, foi assim nos demais acontecimentos bem como na Proclamação, pois precisava-se de um herói (mito) e encontraram o alferes para o posto.

Como transição de um regime para outro, houve em mesma medida transição de percepção política. A esfera política careceu de princípios que representassem a nova conjuntura política no imaginário popular. O empenho foi para "construir os símbolos, as alegorias, os rituais e mitos do novo regime" (Ballarotti, 2009, p. 03). Dentre todo o produto feito pela propaganda republicana, Tiradentes é o mais eminente. Os registros históricos indicam que o novo regime precisava de um mito que conseguisse sobrepujar D. Pedro I, e para conseguir tal feito, elaborou-se um rosto, cuja a aparência lembra de Jesus Cristo, datas de celebração, em boas roupas de alferes. No cotidiano, é sabido que o alferes "vive no imaginário popular como uma entidade sacrificada a favor do futuro da nação" (Ballarotti, 2009, p. 04).

Destacamos que não é ilógico ter colocado Tiradentes como um mito, era importante colocar uma figura que remontasse aos valores republicanos e o alferes assim o fazia. O Mataram e esquartejaram-no, pois queriam uma república em detrimento de uma monarquia. A memória popular, apropriada pelos positivos para conquistar o coração e mente das pessoas, identificou Tiradentes como mártir, por isso ele aparecia como Cristo em quadros. O herói para a República devia ser alguém convicto do novo regime e Tiradentes assim havia sido, isto é:

Tudo isso calava profundamente no sentimento popular, marcado pela religiosidade cristã. Na figura de Tiradentes todos podiam identificar-se, ele operava a unidade mística dos cidadãos, o sentimento de participação, de união em torno de um ideal, fosse ele a liberdade, a independência ou a república. Era o totem cívico. Não antagonizava ninguém, não dividia as pessoas e as classes sociais, não dividia o país, não separava o presente do futuro. Pelo contrário, ligava a república à independência e a projetava para o ideal de crescente liberdade futura. (Carvalho, 1990:p. 68)

Os Republicanos contaram com a ajuda de historiadores e da imprensa que fomentaram a ideia do mito, mártir voltado para o fortalecimento republicano. Os positivistas ortodoxos eram os pesquisadores que escreviam a história naquele período e foram os que desenvolveram a construção do mito, e, em mesma medida tentaram fazer com que o novo regime fosse mais aceito e amado.

Como resultado da pesquisa é possível detectar que Tiradentes foi apropriado pela elite intelectual desde o período imperial, sua figura é vista pelos intelectuais de diferentes maneiras pois "tinham seus discursos influenciados de forma direta pelo contexto político que defendiam" (Gama, 2015, p. 03). Ambos os lados, viés republicano e monárquico, tomaram a figura história de Tiradentes para construir imagens, entretanto nosso foco é a apropriação republicana, cujo a imagem de mártir não foi ligada somente a semelhança com Cristo, mas foi de igual modo ao patriotismo como herói nacional (correlacionado a sua morte e esquartejamento na Inconfidência Mineira), haja vista que ele sofrerá todo esse processo por um "bem maior". Para outros, ele morrerá como um cristão que ofendeu uma cúpula que o matou assim como Jesus em sua época.

Para os republicanos convictos o inconfidente era visto como um mito por ter sido mártir condenado à morte por ser o norteador do movimento e sendo realmente necessário à sua penalidade para servir como exemplo aos demais. Interpretavam com um "espírito empreendedor, libertário e visionário" (Gama, 2015, p. 11). É indubitável que os interesses republicanos elaboraram e elevaram o alferes como herói do território brasileiro.

Considerações Finais

Conclui-se que o estudo em Tiradentes é enriquecedor, mesmo o personagem passando por transformações ao longo do tempo na história brasileira. O texto mostrou um dos muitos heróis que foram produzidos no Brasil. As construções míticas e históricas se conectam com as imagens apresentadas nos livros didáticos, de acordo com o primeiro capítulo. Todavia, destaca-se que, em conformidade com as páginas acima, o protagonista viveu seu período histórico e, sem colocar juízo de valor, em um momento no qual o Brasil sofria com imposições – derrama. Os resultados obtidos mostram o valor de que Tiradentes traz quando estudamos sua figura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACZKO, Bronislaw. **A Imaginação Social**. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BALLAROTTI, Carlos Roberto. **A Construção do mito de Tiradentes: de mártir republicano a herói cívico na atualidade**. *Antíteses*, vol. 2, p. 201-225. Universidade Estadual de Londrina, 2009.

BRAZ, Maíra; COSTA, João Ribas da; e NASCIMENTO, José Camarinha. **Moral e Civismo**. Livro III. São Paulo: FTD. 1971

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas: O imaginário da república no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FERNANDES, Ana Cláudia. **Araribá Mais História**. 2018. 1ª ed. São Paulo, Editora Moderna.

GAMA, Luciana Coelho. **O discurso intelectual e a criação do herói: Tiradentes entre Joaquim Norberto de Souza Silva e Lúcio José dos Santos**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. **História, Sociedade e Cidadania**. 2009. 1ª ed. São Paulo, FTD S.A.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. **História, Sociedade e Cidadania**. 2012. 2ª ed. São Paulo, FTD S.A.

